

A FAMÍLIA COMO SUSTENTAÇÃO NO COTIDIANO DE MULHERES MÚLTIPARAS

Érica de Brito PITILIN^a, Annelise HARACEMIW^b,
Sonia Silva MARCON^c, Sandra Marisa PELLOSO^d

RESUMO

Tratou-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, que objetivou conhecer a percepção de mulheres múltiplas sobre família e suas estratégias utilizadas na condução do cotidiano familiar em um município do interior Paranaense. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com 15 mulheres, com quatro ou mais filhos e que procuraram a Unidade Básica de Saúde por livre demanda no período de Junho/2012. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin. Foram identificadas as categorias “Família por toda vida”, “Um novo membro, de novo” e “A convivência familiar e as estratégias na condução do cotidiano”. Foi possível identificar a importância da família na vida dessas mulheres como fonte primária de apoio e cuidado. Além disso, as multigestas estudadas aceitaram as várias responsabilidades que lhes foram atribuídas, influenciadas pela família e pela sociedade, considerando a maternidade como algo natural.

Descritores: Relações familiares. Percepção. Serviços de saúde da mulher.

RESUMEN

Este fue un estudio exploratorio descriptivo con abordaje cualitativo que tuvo como objetivo conocer la percepción de las mujeres múltiples sobre la familia y sus estrategias utilizadas en la conducción de la vida diaria de la familia en una ciudad del interior del estado de Paraná. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas realizadas con 15 mujeres con cuatro o más hijos y que buscaban la Unidad Básica de Salud en la demanda desde junio/2012. Los datos se sometieron a análisis de Bardin. Se identificaron las siguientes categorías: Familia para toda la vida, Un nuevo miembro de la nueva familia y Las estrategias en la conducción diaria. Fue posible identificar la importancia de la familia en la vida de estas mujeres como la principal fuente de apoyo y atención. Por otra parte, las multigestas aceptadas estudiaron las diferentes responsabilidades que se les asignan influenciadas por la familia y la sociedad, teniendo en cuenta la maternidad como algo natural.

Descriptorios: Relaciones familiares. Percepción. Servicios de salud para mujeres.

Título: La familia como apoyo a las mujeres múltiples en cada día.

ABSTRACT

This was an exploratory descriptive study with a qualitative approach that aimed to understand the perception of multiparous women about family and their strategies to manage their everyday lives in an inland city of the state of Paraná. Data were collected through semi-structured interviews with 15 women with four or more children who have sought the basic health unit in June/2012. Data were analyzed using Bardin's content analysis. The following categories were identified: Family connection to last a lifetime; a new member in the family, again, and family life and the strategies to manage everyday life. It was possible to identify the importance of family in the lives of these women as the primary source of support and care. Moreover, the multiparous women in this study accepted the various responsibilities assigned to them by family and society, considering motherhood natural.

Descriptors: Family relations. Perception. Women's health services.

Title: Family support in the everyday life of multiparous women.

a Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares em Políticas, Avaliação e Atenção em Saúde (NEPEMAAS). Maringá – Paraná – Brasil.

b Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela UEM.

c Doutora em Enfermagem. Professora Associada do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem da UEM. Coordenadora do Núcleo de Estudos Pesquisa, Assistência e Apoio à Família (NEPAAF). Maringá – Paraná – Brasil.

d Doutora em Enfermagem. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UEM. Diretora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá. Maringá – Paraná – Brasil.

INTRODUÇÃO

A família caracteriza-se pela complexidade e dinamismo que assume frente às diversas situações que surgem em seu cotidiano. Ela é a matriz da aprendizagem humana com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva⁽¹⁾.

Historicamente, a implementação de pesquisas buscando a compreensão do indivíduo no contexto “família” ocorreu basicamente após publicações de estudos na década de 1970⁽²⁾. Em âmbito mundial, o interesse na atuação familiar foi retomado com a escolha do ano de 1994 como o Ano Internacional da Família pela Organização das Nações Unidas (ONU)⁽³⁾.

Existe atualmente uma discussão generalizada sobre o conceito de família. Para alguns autores é a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade⁽¹⁾. Considerar a família como resultado de uma associação entre pessoas tem por finalidade a construção de uma vida privada, não em oposição à vida pública, mas em complemento a ela⁽⁴⁾. Apesar de a família ser a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros, deve adaptar-se às exigências socioculturais da pós-modernidade enquanto um sistema aberto e flexível⁽⁵⁾. Neste contexto, pode-se dizer que está havendo uma reinvenção onde a mulher e o homem assumem novos papéis e novos desafios.

A inserção da mulher no mercado de trabalho, as políticas de controle de natalidade e a redução do número de filhos contribuíram para que as mulheres experimentassem uma separação entre vida sexual e reprodução, uma vez que a maternidade deixou de ser vista como algo meramente biológico e passou a ser vista como algo determinado pelo contexto social e histórico em que vivem⁽⁶⁾.

A maternidade já não é mais um destino irrefutável e obrigatório para a mulher, porém ela ainda aparece como um elemento agregador imprescindível sem o qual a unidade familiar não se desenvolveria de igual maneira⁽⁷⁾. As estratégias utilizadas na condução do cotidiano de cada família são intrínsecas aos seus membros e suas formas é que podem variar de acordo com as vivências e crenças de cada um⁽⁸⁾.

A família sofreu mudanças significativas com o passar dos tempos. Apesar de uma considerada redução da composição familiar pela queda dos índices de natalidade, o fenômeno da multipari-

dade permanece sendo merecedor de atenção em algumas regiões.

Estudar a relação entre multiparidade e anticoncepção se faz necessário considerando que a ideia de ter muitos filhos pode estar associada à vulnerabilidade como seu gerador ou potencializador, uma vez que esta tem maior incidência em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos estando relacionada a fatores culturais e religiosos^(9,10).

É interessante conhecer como se dá o cuidado com as crianças, a relação entre a família e o trabalho, assim como a participação efetiva masculina neste cotidiano. O crescente interesse dos profissionais envolvidos com saúde da família no Brasil tem ampliado a prática da pesquisa sobre família na enfermagem tornando-se fundamental para que se obtenha conhecimento e compreensão desse conceito abordado, pois é ele quem presta o cuidado e fornece a educação em saúde. Diante do exposto definimos como objetivo do estudo conhecer a percepção de mulheres múltiparas sobre família e suas estratégias utilizadas na condução do cotidiano familiar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa realizada no município de Prudentópolis, PR. O município abrange uma população de 49.016 habitantes, das quais 15.007 são mulheres em idade fértil, entre 10 a 49 anos e possui uma elevada taxa de fecundidade (4,7%)⁽¹¹⁾. Participaram do estudo 15 mulheres que procuraram a Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada no referido município por livre demanda. Como critérios de inclusão foram considerados mulheres com quatro ou mais filhos e que compareceram ao serviço para qualquer tipo de atendimento durante o período de coleta de dados. As mulheres com menos filhos e que se recusaram a participar foram excluídas do estudo.

Os dados foram coletados no mês de Junho de 2012 por meio de entrevista semiestruturada com questões referentes à caracterização socioeconômica, e questões específicas para contemplar os objetivos do estudo (significado de família, vantagens e desvantagens de uma família numerosa, rotina no cuidado e estratégia no cotidiano familiar, dificuldades, facilidades e necessidades encontradas). Como questão norteadora, estabeleceu-se: O que significa família para mulheres múltiparas e quais as estratégias utilizadas na condução do cotidiano familiar?

Os resultados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin, que constitui um conjunto de técnicas de análise das comunicações por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Na etapa inicial (pré-análise), a leitura flutuante e a releitura do material empírico permitiram a codificação para posterior identificação de trechos mais significativos, os indicadores. Na segunda parte, os códigos foram organizados por cores e classificados conforme surgiram no texto e foram associados pela aproximação do significado das palavras (estereótipos e conotações). Na etapa seguinte, chamada de exploração do material, os temas que convergiram para um significado comum foram classificados em uma mesma categoria, resultando em três categorias temáticas. Por fim, as inferências surgiram de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados⁽¹²⁾.

As entrevistas foram realizadas em local reservado, gravadas e transcritas na íntegra, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para manter o anonimato das entrevistadas, cada mulher foi identificada por meio de siglas E1, E2, E3, sucessivamente. O projeto foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP) parecer n.º 24623/2012.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 15 mulheres que procuraram a UBS por demanda espontânea e atenderam aos critérios de inclusão. Destas, nove viviam na zona urbana e seis na zona rural. A idade variou de 25 a 49 anos e 60% não chegou a completar o ensino fundamental. A maioria não desenvolvia atividade fora do lar.

Quanto ao número de filhos vivos, cinco (33,3%) tiveram quatro filhos, quatro (26,6%) tiveram cinco filhos, três (20%) tiveram seis filhos, duas (13,3%) tiveram sete filhos e uma (6,6%) teve oito filhos. Apenas uma estava grávida, cinco amamentando e quatro encontravam-se na menopausa. A média da idade entre as crianças era de 10,3 anos. Quanto ao intervalo entre as gestações 22 (27,5%) do total das gestações ocorreram com um intervalo mínimo de um ano, 17 (21,2%) com intervalo de dois anos, 10 (12,5%) intervalo de três anos, nove (11,2%) intervalo de quatro anos e 13 (16,1%) intervalo maior de quatro anos.

Por meio dos depoimentos relatados pelas mães, emergiram três categorias: Família por toda a vida, Um novo membro, de novo e A convivência familiar e as estratégias na condução do cotidiano.

Família: por toda a vida!

Família pode ser entendida como um fenômeno dinâmico permeado da influência de valores e crenças. Foi possível verificar nas falas das multiparas a importância da família em suas vidas como fonte primária de apoio e cuidado.

Ahm! A família é tudo pra gente. Eu penso assim, é onde você educa, ensina a religião, ensina a ser alguém na vida. (E7)

[...] família é tudo né! A família quando você mais precisa está do seu lado, não importa a hora, família é família para tudo: nas horas boas, nas horas ruins eles estão lá do lado da gente, por toda a vida. São os únicos que não nos abandonam. (E1)

O “viver” em família é uma experiência única para cada integrante. Como fonte de apoio para a construção do ser e do caráter do indivíduo, atua na preparação para o convívio social. É a família a primeira a satisfazer as necessidades básicas das pessoas e, simultaneamente, o desenvolvimento da personalidade e da socialização⁽¹³⁾. Isto reforça a importância da rede social para a construção do cotidiano familiar representando a estrutura do suporte que fornece apoio em relação a diversos aspectos da vida⁽¹⁴⁾.

Ademais, a família é formada pelas relações e ligações que permitem o fortalecimento dessa unidade nos momentos de crise voltando-se para atender as necessidades individuais de seus membros e solidificar o grupo familiar⁽¹⁵⁾. A vivência em família proporciona uma diretriz ao posicionamento pessoal diante de elementos constituintes da família como a afetividade que se carrega por toda a vida, promotora da força necessária para a superação das adversidades⁽¹⁶⁾.

O contexto familiar garantiu o suporte necessário para a superação de conflitos, que mesmo existindo, eram ignorados. A necessidade de ajudar transpôs à prioridade da presença familiar fazendo com que as pessoas reconheçam entre elas alguns direitos e obrigações mútuas. Mesmo a família que mora longe conseguiu se fazer presente nesses momentos. O viver com o outro implicou em conviver momentos de alegria, doença, tristeza.

Olha que ironia do destino: justo a minha cunhada que eu nem olhava na cara, a cunhada que eu não queria bem, foi a quem me ajudou quando precisei ficar 12 dias no hospital. (E6)

Quando eu fiquei doente a minha filha veio lá de Blumenau fazer as coisas pra mim, e tem as minhas sobrinhas também. A sogra também ajudou bastante. (E2)

A presença é outro elemento evidente que assume a responsabilidade de amparar e cuidar. O cuidado engloba o cuidado de si, o cuidado do outro e o cuidado “do nós”, tomando em conta a circularidade que envolve este triplo olhar não se reduzindo à uma relação biológica ou material, mas sim em representar um “cuidar de” que não substitui o outro, mas o ajuda⁽¹⁶⁾. Vista por esse vértice, o cuidado é influenciado pelo meio cultural ancorado nas atividades domésticas do dia-a-dia, onde as pessoas acabam sacrificando seus projetos individuais em prol de projetos que atendam as necessidades e anseios do grupo familiar⁽¹⁷⁾.

O significado de família foi diferente para cada membro familiar variando de acordo com o contexto vivenciado na atualidade. Vale lembrar que não houve receita para definir os membros relevantes de uma rede familiar, podendo a família ser constituída em função de um vínculo de criação ou apadrinhamento.

A partir do momento que eu saí da casa dos meus pais, eu considero família os meus filhos e meu marido. É quem fica mais perto de mim. (E10)

Eu considero todo mundo. Tio, mãe, primo, sogra e até alguns amigos, os verdadeiros eu considero até mais membro da família do que a própria família, do que um tio, por exemplo, mais distante. (E15)

O membro familiar pode ou não incluir consanguíneos, parentes por casamento, padrinhos e compadres e simplesmente amigos que, depois de ter compartilhado uma experiência particularmente intensa, acabam se inserindo como membro integrante desse contexto⁽¹⁵⁾. Conhecer o modo de vida dos sujeitos pressupõe o conhecimento de sua experiência social. É necessário compreender a família e seu espaço como agente socializador enfatizando aspectos relacionados às configurações familiares, à rede social de apoio, os vínculos familiares e suas implicações para o desenvolvimento humano⁽¹⁾.

Um novo membro, de novo!

A maternidade se configurou ao longo da história como uma função de obrigatoriedade social para a mulher. Durante toda a sua trajetória, a mulher foi pautada por regras impostas pela sociedade em ser biologicamente predestinada a gerar e criar, tornando o fenômeno da gestação algo comumente esperado e natural para a constituição da família.

Eu não usava nada, porque o meu falecido marido não deixava. Deus me livre usar alguma coisa, ele me batia e ficava bravo. Uma vez ele encontrou uma cartela de comprimido e eu quase morri. Não tive opção, tive que ter os filhos. (E4)

[...] Por ele, ter mais um filho era tranquilo, pra ele tudo é dez. Ele pensava que era fácil pra cuidar, não era ele que cuidava era eu. sempre assim. Eu mesma queria ter só dois. (E14)

O papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher associado a um sentido de renúncia, onde a figura de mãe surge como uma forma de reprimir o poder e a autonomia da mulher construindo um discurso de “dever materno” e “subordinação” ao marido/companheiro⁽¹⁸⁾. A renúncia foi evidenciada nesse estudo por meio de expressões “por ele” e “para ele” sugerindo a prevalência da opinião e decisão do homem.

O fato das mulheres terem ficado mais dentro do mundo familiar e os homens mais na vida pública, estes acabaram por se colocar acima das primeiras escalas da hierarquia social traçando uma linha de dominação sobre as mulheres⁽⁴⁾. A subordinação da mulher na sociedade brasileira está presente em todos os extratos sociais, notadamente entre as mulheres em situação de vulnerabilidade social, tendo os seus direitos cotidianamente desrespeitados⁽⁸⁾.

O entendimento do fenômeno da multiparidade evidenciado inclui, entre outras, a questão da desigualdade de poder de gênero e a redução do potencial da autonomia das mulheres para organizarem suas vidas, como também à fatores relacionados a questões culturais e religiosas^(9,10).

A cultura e a religião foram evidenciadas em vários relatos como forma de amparo para aceitar algo novo, que não foi planejado. Percebeu-se o significado que determinada entidade religiosa tem para a vida dessas mulheres e, em alguns casos, acabam por influenciar e interferir em suas escolhas. O surgimento

de um novo filho alterou significativamente a rotina e o convívio familiar. A fé surgiu como uma maneira de enfrentar e aceitar tais mudanças.

Antes eu não fazia nada, porque eu pertencia a uma religião que não podia tomar nada, e tinha que aceitar e cuidar a quantia que viesse. Daí eu já tinha três filhos e disse pro meu marido: será que Deus quer assim mesmo que a gente tenha tudo? Vou sair dessa igreja, e agora eu tomo pílula. (E12)

Filho é uma benção, eu penso assim. Deus quis que eu tivesse oito filhos, então eu tive os oito filhos. Só Deus sabe o quanto é difícil, tem dias que dá vontade de sumir, mas daí Deus fala pra mim, calma! (E8)

A influência cultural, medo, solidão e desamparo remeteram à ideia de que quanto mais filhos menor a probabilidade de vivenciar esses sentimentos. Ter vários filhos próximos uns dos outros agora possibilitou criá-los na mesma época onde se tem o reaproveitamento de recursos materiais entre os demais membros. No futuro, pode vir a representar uma fonte de amparo.

Eu penso assim, agora sou eu que vou cuidar deles, mas quando eu ficar velha, se Deus quiser, não vou ficar abandonada, não fico sozinha, sempre vou ter eles comigo, né. Hoje a gente cuida deles e amanhã eles cuidam da gente. (E1)

Em relação à cultura, é importante destacar que o município em questão foi colonizado por imigrantes ucranianos e que até os dias atuais mantêm seus costumes e tradições com influência marcante da religiosidade. A cultura e a religião são consideradas acolhedoras, aliviando angústias, sustentando as situações difíceis como protetora e como doadora de esperança de dias melhores⁽¹⁹⁾. Neste estudo porém, a religião e a cultura estavam associadas à não utilização do método contraceptivo. Houve falha no processo de educação para esses métodos visto que só foram utilizados após a quarta gestação. Além disso, o acesso aos serviços de saúde dessas mulheres foi incipiente principalmente na área rural.

Não tomava a pílula porque me fazia mal, na verdade me faz mal ainda, abaixa a minha pressão, mas não tem como né, tem que tomar alguma coisa. (E14)

Usei o comprimido depois que tive os meus quatro filhos. Eu não usei antes porque eu não sabia ninguém nunca me explicou nada. Já estou acostumada por não morar na cidade. (E1)

Comecei a tomar pílula, mas ninguém me indicou não. Você diz o médico? Eu comprei na farmácia. (E8)

A assistência à saúde da mulher foi deficiente no campo dos direitos sexuais e reprodutivos e do poder de escolha dessas mulheres. Vale ressaltar a importância da execução e planejamento de ações voltadas ao planejamento familiar. Observou-se que 27,5% da população estudada apresentou intervalo interparto menor que um ano, aumentando o risco de complicações para a saúde da mulher e do feto. Empenhados em diminuir as taxas de natalidade, os profissionais de saúde acabam responsabilizando a mulher pelo controle da sua fertilidade sem um investimento paralelo em transformações sociais que permitam às mulheres uma gama de alternativas e um maior poder de escolha na vida e no campo da reprodução⁽⁹⁾.

Como consequência desses conjuntos de falhas assistenciais houve uma elevada prevalência de gestações não planejadas. Somente duas entrevistadas afirmaram ter planejado todas as suas gestações. Embora não planejada, os relatos mostraram que houve uma certa resignação pelo núcleo familiar em relação à gravidez.

Eu fiquei feliz, pois vai fazer o que? Às vezes eu pensei meu Deus, o que eu vou fazer com mais um? A gente pensa em educação, em roupa, comida, mas daí vai dando tudo certo. Na verdade não tem o que fazer né! (E5)

Quando eu descobria que estava grávida denovo era a mesma coisa que tomar uma bordoadá na cabeça, eu chorava, negava, não aceitava, ficava com receio, mas depois a gente ia acostumando com a ideia e ficava feliz, porque filho é uma benção. (E4)

O não planejamento da gravidez já revelaria uma necessidade acentuada de suporte para algumas das famílias⁽¹⁴⁾. Contudo, observamos nos relatos que essa necessidade foi experimentada por todas as mulheres expressada diante da realidade de uma nova gravidez. As reações frente a esta situação a princípio foram de negação, aflição, angústia seguida de conformação e aceitação, inclusive por parte do marido.

A Convivência familiar e as estratégias na condução do cotidiano

As mulheres demonstraram ser a principal responsável pelo cuidado do filho e pela organização de um ambiente familiar harmonioso. Ao compa-

nheiro coube o gerenciamento dos recursos financeiros. Apesar da divisão de tarefas domésticas, os depoimentos revelaram uma sobrecarga da mulher que teve que ser mãe, dona-de-casa e esposa. Além disso, foi possível conhecer como o grupo familiar se movimentou no cotidiano, como construiu sua trajetória de vida e as estratégias que utilizaram para garantir a manutenção do ser individual e coletivo.

Ele sempre ajudou. Às vezes eu dava banho e ele fazia a janta e às vezes eu fazia a janta e ele dava banho, era assim. Se precisar ele ajuda, até lava a louça. Mas cada um faz alguma coisa, os maiores cuidam dos menores, cada um cuida das suas coisas, guarda seu sapato, arruma sua cama, até os menores tem uma função, só que o pesado fica mesmo pra mim. (E5)

Eu me viro nos trinta! Eu tenho que lavar, cuidar, passar, levar na creche, buscar, cozinhar, dar aula, e mesmo assim alguma coisa fica pra traz, só o final de semana pra por em ordem, mas logo vem a segunda feira e começa tudo de novo. (E11)

É a mulher em sua totalidade que administra e distribui as atividades que fazem parte do cotidiano estabelecendo uma estrutura mínima de atividades e relações em que os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido destacam a importância dessa distribuição como uma estratégia na condução da convivência familiar⁽¹⁾. A tendência atual da família moderna é ser cada vez mais participativa em relação a divisão de tarefas. Ao delegar às mulheres o cuidado dos filhos e do lar, a sociedade atual reforça inconscientemente a ideia de que a mesma não apresenta outras necessidades além destas, como de se alfabetizar ou se profissionalizar. Nesse estudo, grande parte das entrevistadas dedicavam-se exclusivamente aos cuidados familiares.

A questão financeira foi a maior dificuldade relatada em relação ao grande número de filhos. Ter uma família pequena representou uma vantagem em relação a uma família numerosa. O anseio dessas mulheres era garantir um futuro digno e diferente para seus filhos. Outra dificuldade evidenciada foi à falta de apoio e concordância entre o marido e/ou entre os membros da família na construção da disciplina familiar.

Eu penso assim, que quando você só tem um filho deve ser mais fácil para cuidar, em dar as coisas não faz tanta bagunça. É um só no colégio, e a preocupação é apenas com um. Você vai comprar alguma coisa para um, já pensa que tem que comprar mais para os outros (E7)

Dificuldade eu tenho porque eu não tenho apoio. Eu perdi a minha mãe e minha sogra mora do lado da minha casa. Tudo o que eu falo para educar as crianças eles vão e me contrariam. Eu mando e o meu marido não concorda comigo, fica muito difícil. (E6)

A renda mensal das participantes do estudo era proveniente de programas sociais do governo federal. A vulnerabilidade à pobreza não se limita a considerar apenas a privação de renda, mas também a dinâmica da vida familiar, o acesso a serviços públicos, a possibilidade de obter trabalho com qualidade e remuneração adequada⁽⁸⁾.

A conduta dos pais em relação aos filhos está intimamente ligada à colocação de regras, normas e limites onde a criança constrói o seu referencial de atitudes por meio do comportamento do adulto que possivelmente permitirá a posterior formação de sua personalidade e conduta em sociedade⁽²⁰⁾. O laço familiar é uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre as relações de seus membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, as mulheres aceitaram a maternidade e as responsabilidades que lhes foram atribuídas pela sociedade de maneira natural. O espaço doméstico em seu imaginário contemplou um território predominantemente feminino, prevalecendo às decisões do marido diminuindo a sua autonomia. A cultura e a religião estiveram presentes como uma forma de amparo/fé para aceitar o surgimento de uma nova gestação, mas por outro lado, contribuíram para a não utilização do método contraceptivo refletindo na multiparidade. As falhas dos serviços de saúde e a dificuldade de acesso aos mesmos resultaram em elevada prevalência de gestações não planejadas.

Os achados deste estudo apontaram lacunas importantes na assistência que foi prestada à mulher no período gestacional e perinatal, e mais que isto, apontou o quanto esta assistência não leva em consideração o significado que o nascimento de um filho tem para a consolidação e o desenvolvimento da família. Além disso, pode contribuir para a compreensão da forma como as pessoas vivem, os valores que carregam consigo e suas percepções familiares facilitando a construção do cuidado em saúde.

No entanto, os resultados não podem ser reprodutíveis mesmo que houvesse certo grau de

reprodutibilidade, já que a subjetividade na interpretação dos resultados foi baseada em características pessoais do investigador traduzindo em um viés da pesquisa e assim, na limitação desse estudo. Novas pesquisas devem ser realizadas a fim de se acrescentar novos conhecimentos na área da saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

- 1 Dessen MA, Polonia AC. A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. *Paidéia*. 2007;17(36):21-32.
- 2 Boing E, Crepaldi MA, Moré CLOO. Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*. 2008;18(40):251-266.
- 3 Pereira PJ, Bourget M. Família: representação social de trabalhadores de Estratégia Saúde da Família. *Saúde Soc*. 2010;19(3):584-591.
- 4 Strey MN. Gênero, família e sociedade. In: Strey MN, Neto JAS, Horta RL. Família e gênero. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.
- 5 Pitombo EM. Família, psicopedagogia e pós modernidade. *Cad Psicopedag*. 2007;6(11):1-12.
- 6 Scavone L. Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais. São Paulo: Unesp; 2004.
- 7 Favaro C. Mulher e família: um binômio (quase inseparável). In: Strey MN, Neto JAS, Horta RL. Família e gênero. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.
- 8 Pinto RMF, Micheletti FABO, Bernardes LM, Fernandes JMPA, Monteiro GV, Silva MLN, et al. Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. *Serviço Soc* 2011;10(5):167-179.
- 9 Prates CS, Abibi GMC, Oliveira DLLC. Poder de gênero, pobreza e anticoncepção: vivências de múltiparas. *Rev Gaúcha Enferm*. 2008;29(4):604-11.
- 10 Severinski NS, Mamula O, Severinski SK, Mamula M. Maternal and fetal outcomes in grand multiparous women. *Int J Gynaecol Obstet*. 2009;107(1):63-4.
- 11 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. Departamento de população e indicadores sociais. Rio de Janeiro: IBGE; 2011.
- 12 Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2011.
- 13 Salome GM, Espósito VHC, Moraes ALH. O significado da família para casais homossexuais. *Rev Bras Enferm*. 2007;60(5):559-563.
- 14 Jussani NC, Serafim D, Marcon SS. Rede social durante a expansão da família. *Rev Bras Enferm*. 2007;60(2):184-189.
- 15 Molina RCM, Fonseca EL, Waidman MAP, Marcon SS. A percepção da família sobre a sua presença em uma unidade de terapia intensiva pediátrica e neonatal. *Rev Esc Enferm USP (Online)* [Internet]. 2009 [citado 2013 Jun 01];43(3):630-638. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n3/a19v43n3.pdf>.
- 16 Baggio MA, Monticelli M, Erdmann AL. Cuidando de si, do outro e “do nós” na perspectiva da complexidade. *Rev Bras Enferm*. 2009; 62(4): 627-631.
- 17 Zanetti ML, Biagg MV, Santos MA, Péres DS, Teixeira CRS. O cuidado à pessoa diabética e as repercussões na família. *Rev Bras Enferm*. 2008;61(2):186-192.
- 18 Borsa JC, Feil CF. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão [Internet]. Porto: Psicologia.pt; 2008 [citado 2013 Jun 01]. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>.
- 19 Silva DVR, Flora MCD. A religião e o discurso de mulheres sobre o abortamento. *Psicol Teor Pesqui*. 2010;23(1):193-196.
- 20 Silva CMR, Constantino EP, Rondini CA. Família, adolescência e estilos parentais. *Estud Psicol*. 2012;29(2):221-230.

**Endereço do autor / Dirección del autor /
Author's address**

Érica de Brito Pitilin
Av. Colombo, 5790, Campus Universitário, bloco
2, sl. 1
87020-900, Maringá, PR
E-mail: pitilin@ig.com.br

Recebido em: 27.06.2013
Aprovado em: 20.12.2013